

A verdadeira face de Cristo — Em S. Paulo, cópia do linbo que envolveu Cristo morto

A devoção da Sagrada Face é cultuada em Campinas — Convite aos fiéis

Grande número de fiéis, comparece na Matriz de S. Benedito, todas as segundas e terças-feiras do mês, obtendo graças e milagres. Campinas, cidade católica por excelência, não deixará esta devoção esquecida, no dia 10 de março próximo. Nessa 3.ª feira, às 15 horas, na Matriz de S. Benedito, haverá pregação para os fiéis pelo padre Vicente Ramalho de Freitas. O "Correio Feminino", repete na íntegra, as notícias sobre a cópia do linbo que envolveu Cristo morto: "Diários e Emissoras Associadas".



Cópia do linbo

No dia 28 do corrente (um sábado), às 18 horas no Convento do Bom Pastor, no Ipiranga, o cardeal de São Paulo, Dom Agnelo Rossi, descerrará a primeira reprodução autêntica do Santo Sudário de Cristo que, desde 1578 se acha na Capela Santa da Catedral de Turim, no alto de uma colina, como propriedade da Casa Real da Itália.

Estarão presentes os diretores dos "Associados", chefes da família forense e os que dedicam devoção à Sagrada Face; o nuncio apostólico será convidado para esse acontecimento de fé e de piedade cristã, inédito no mundo. É a primeira vez que uma cópia da santa mortalha com que foi envolvido o Senhor morto será exposta fora da Itália e por esforços de frei Anastácio Hechmann. São Paulo foi a terra de eleição para acolhê-la.

A RELÍQUIA

O Sudário de Turim é a maior prova da passagem do Filho de Deus pela Terra, há quase dois mil anos. Pesquisas de sindonologistas (da palavra sindome, que significa sudário) de todos os credos e especialidades científicas confirmaram ter sido este o lençol com o qual amortalharam o corpo em chagas do Cristo flagelado e morto na Cruz para a salvação dos homens.

John Walush, por exemplo, repórter norte-americano, não católico, andou quatro anos pelo mundo no rastro dos vestígios dos passos de Cristo, buscando provas sobre a autenticidade do Sudário de Turim. Escreveu um livro famoso, "The Shroud" ("O Lençol"), traduzido em muitos idiomas, no qual afirma: "Não há dúvida, é o Sudário de Cristo".

Neste lençol está a verdadeira fotografia de Cristo, a Sagrada Face. Morto, de olhos fechados, ele simboliza a vida, é a prova de que Deus ressurgiu com mais poder, no Século XX.

O Sudário achava-se, até 1578, no castelo de Chambéry, na França. Nesse ano, o cardeal de Turim, hoje S. Carlos Borromeu, fez promessa de peregrinação até o castelo francês, a fim de, olhando o Sudário, conseguir a graça de afastar a peste que grassava pelo norte da Itália. Saído do seu intenso, um príncipe de Savoia, querendo aliviar a viagem do cardeal, decidiu, ele mesmo, levar a relíquia à Itália. Um dia, outro viajava e deu-se o encontro de ambos no meio do caminho, em Turim.

Em Turim ainda está o Sudário, a Síndone, zelosamente guardado como o supremo tesouro da Cristandade na Capela Santa da Catedral. Atrás de altos muros, descansa em uma urna três vezes fechada com barreiras de madeira, de prata e de ferro.

A luz não chega até ele e são raríssimos os olhos humanos privilegiados que podem contemplá-lo. Nem Paulo VI o viu. A última vez em que abriram a urna foi em 1933. O Sudário encerra os sinais de Cristo na terra dos homens e é pois um bem maior que deve ser protegido para que não se desfajam os contornos que são as marcas da religião e da história.

Dia e noite, na Capela Santa, ardem lamparinas, e policiais vejam a urna onde está o lençol de linho puro, acinzentado, que mede 4,36 m de comprimento por 1,10 de largura — o lençol do drama da Paixão.

A CONTEMPLAÇÃO DA FACE

No Convento de Santo Antônio do Pari, frei Anastácio Hachmann altíssimo, culto e de origem alemã, diz por que (sob o patrocínio dos Associados) trouxe para São Paulo a primeira reprodução autêntica do Sudário de Turim. O Apostolo da Sagrada Face foi iniciado em 1947 por don José Pereira de Castro; ao falecer este, frei Anastácio vem sendo no Brasil, o único religioso que se dedica a essa prezação, e ele sente que os que ainda não tem re-

ligião anseiam por alguma coisa que se chama fé.

Trouxe a cópia da mortalha para aproximar os brasileiros da fonte das graças sobrenaturais: "quem contempla a imagem de Cristo com piedade e amor, por um milagre, que é o milagre da contemplação, subito sente que Cristo, Ele mesmo, e não a Sua imagem, está perto dele. A Sagrada Face, estampada por infável misterio no lençol com o que Seu corpo foi descido à sepultura é a Sua verdadeira face, no sofrimento, com os seus cabelos longos, até os ombros, ondulados e da cor de nozes maduras".

Diante do mundo científico, a verdadeira prova é aguardada: a eletromicroscopia, a cargo do Sodalício da Santa Síndome de Turim, do qual é presidente o cardeal Pelegrino, será o testemunho definitivo aos leigos da passagem de Jesus entre nós e da sua morte e ressurreição.

A IMAGEM DO HOMEM-DEUS

Há silêncio quando frei Anastácio, ajudado por frei Eusebio Paulus, comissário da Terra Santa, e pelo seminarista alemão Kabish Hans, desdobra a reprodução do Sudário. Da coroa de espinhos com que pretenderam infamá-lo até aos pés em manchas de sangue, o Homem-Deus está diante de nós como o viram, há quase vinte séculos, os palestinos, ao ser Ele descido ao sepulcro de José de Arimateia, no morro do Calvário, pelo enterdecer da Sexta-Feira Santa.

A expressão é de dor, mas nem as chagas, os lábios inchados as manchas de sangue, as marcas das bofetadas e dos esgaros conseguiram apagar a majestade soberana e divina da Face de Cristo. É pelo o Homem do Sudário.

Investigações com base nesse lençol sepulcral levam a crer que Cristo era robusto, de 1,82 metros de altura e 90 quilos de peso — um impressionante tipo semítico.

A cabeça com a coroa de espinhos, as barbas compridas, as mãos juntas, com a esquerda (sangrando no pulso) sobre a direita e os pés unidos: assim está. Um osso do nariz acha-se quebrado e parte da barba arrancada. Nenhuma roupa: Cristo está nu e a Sua nudez é mais uma prova da autenticidade do lençol com o que O envolveram, deitando-O, de costas na terra de onde ressuscitaria três dias depois.

A tragédia do calvário do meio-dia até 3 horas, na Cruz, está marcado no pano em que só aparecem as impressões de quatro dedos de cada mão, o que vem provar que Cristo foi pregado na Cruz pelos pulsos e não pela palma da mão que se rasgaria ao peso do corpo. O prego no pulso forçou o polegar a dobrar.

Três linhas atravessam a fisionomia excelente e dolorida: são marcas do pano santo que, em séculos remotos, foi dobrado oito vezes. De Alto a baixo: sendo que foram castiçais porre manchas — são originárias de um incêndio que ocorreu, em 1563, no castelo de Chambéry durante o qual o fogo derreteu a prata da urna, que se espalhou sobre o Sudário.

OLHOS FECHADOS

Na reprodução da parte dorsal, vêem-se os sinais de coágulos de sangue nas feridas da cabeça e dos ombros. Cristo foi flagelado com azorragues de três cordas, finalizando em ponta de chumbo. Os ossos das costas estão à mostra.

"Filha, minha face vai salvar o mundo" — revelou Cristo, em aparição, à irmã M. Pierina. Contemplamos de novo a Sua Face e baixamos a cabeça diante do Seu olhar, estranho, um olhar de palpebras descidas, fixando todo o drama da humanidade, do calvário ao patíbulo, da crucificação à sepultura — misteriosa página escrita em sangue, que os milênios não apagarão e a qual será dada ao povo brasileiro contemplar e honrar pela primeira vez no mundo."

A verdadeira face de Cristo

No dia 28 do corrente, às 18 horas, dom Agnelo Rossi descerrará a primeira cópia do Santo Sudário de Turim, no Convento do Bom Pastor, no Ipiranga. Essa relíquia, que documenta a passagem do Homem-Deus na Terra, foi trazida por frei Anastácio Hachmann, sob o patrocínio da Arquidiocese e dos "Diários e Emissoras Associadas". Está no pano santo, estampado com o sangue de Jesus vivo e de Jesus morto a Sua verdadeira face aquela que, pelos tempos medievais, milhões de fiéis procuravam: a face com alguma coisa estranha e bela que um Miguel Angelo, um Ticiano, um Rafael buscavam em suas concepções e não encontravam.

Quem não sofre?

Quando perguntamos: — "Quem não sofre? — parece-nos ouvir o côro da humanidade dizendo: — Todos!.

É uma verdade.

Todos sofrem algo sobre a terra; males do físico, males da alma, males de negócios, males da sociedade, males políticos, males de educação, males dos vícios, males e males...

A mecanização do homem, neste atravessar dos séculos, faz dê-lo uma "peça" ou "uma coisa" a mais, e, destruindo a espiritualidade necessária, petrificou a centelha divina do verdadeiro Amor. O amor-caridade, o amor-fraterno, o amor-família, o amor-afeto, o amor-conjugal, o amor que toda a sociedade espera um do outro... é desbaratado à guisa de novos conceitos. A Palavra de Deus é eterna e atravessando os séculos, a Verdade estará sempre entre os fiéis que confiam em Cristo-Salvador.

As teorias que pretendem ou pretendem derrubar a Face do Senhor, não terão e não tiveram vida longa.

Observando o sofrimento dos cristãos dos tempos idos e dos atuais viventes em países "comunistas" ou "livres", comprovamos que a alma é, e será livre não suportando grilhões. Aparentemente, as "coisas materiais", subjagam as "espirituais", e o mundo sofre chorando males sem fim.

Contemplando a Face Divina, recebemos a mais bela lição do verdadeiro Amor:

"Dar à vida pelo irmão"...

O amor ao próximo, se inicia primeiramente em família. O amor ao próximo é também o primeiro respeito a nós mesmos: somos alma e corpo; não somos simples "matéria" ou "coisa", nas mãos dos incrédulos. Mas a vida é difícil!

A vida difícil, nos leva aos erros, numa "fuga" constante de prazeres e facilidades.

A realidade porém se encontra na palavra de Cristo: — Sou o Caminho — Luz — Verdade —

Os ensinamentos da cruz, abalaram e abalarão os séculos e como simples ou "dependentes", os homens morrerão, crendo ou descrendo.

Quem estiver com sofrimentos, sejam eles quais forem, deve recorrer à Cristo porque Ele é — Salvador — Mestre —

Realmente, não há obstáculo para o Homem-Deus!

No Drama da Paixão, está o segredo da — Ressurreição, — porque Ele é Vida e Amor.

(Cecília)

Do Mistério do Sepulcro legou a sua face aos homens

Depois de ter contemplado o semblante do Senhor no Santo Sudário de Turim, o poeta Paul Claudel exclamou: «Nessa imagem vemos a majestade de Deus feito homem e, em presença dessa majestade percebemos a nossa completa e profunda insignificância. Há algo tão dominante nesses olhos fechados, na expressão soberana que parece carregar o selo da Eternidade — algo que penetra a consciência como a lâmina de uma espada no coração, algo tão espantoso e tão aniquilador que o nosso único recurso de fuga é nos inclinarmos em adoração».

O que há na face de Cristo, composta pela morte? Alguma coisa que não se define, e que lhe empresta poder e beleza, ainda que estejam os olhos entumescidos fechados e Ele inteiro se banhe no sangue dos ferimentos e das chagas.

Sábios captam na expressão da face impressa no Santo Sudário de Turim, no desvanecimento dos contornos e das linhas, na combinação da luz e da sombra, segredos da Ressurreição, e que não tinham crença religiosa, sobre a relíquia debruçados na pesquisa, pelo fim do século XIX, viram que, de subito alguma coisa se transmudava no íntimo deles, operando a surpreendente conversão. Assim foi com Yves Delage, membro da Academia Francesa de Ciências, Jakob Orlík, Alfred Hubter, R. W. Hynek, H. W. Henans e John Walsh, todos agnósticos.

PELA MÃO DE DEUS

Pelos tempos medievais e depois pediam os fiéis, no Velho Continente, aos seus grandes artistas, que lhes pintassem ou esculpisssem a face do Senhor: «Queremos ver o semblante de Jesus» — suplicavam. Como era Cristo? Como mostrá-lo aos homens? E dizem que com uma sensação de fracasso, de inutilidade dos seus esforços, Fra Angelico soluçou diante do seu cavalete, Leonardo deixou cair o pincel e Miguel Angelo atirou longe o cinzel. Aos que pediam a fisionomia de Cristo, os mestres da arte respondiam: «Não podemos mostrá-la. Nem sabemos como se parece. E ainda que o soubessem, a Sua grandeza ultrapassa o nosso dom de fixá-Lo na tela ou no mármore».

Mais tarde a face do pano mortuário que envolveu o corpo de Cristo seria divulgada na primeira fotografia, feita em 1898, por Secondo Pia, jovem advogado e estudante de arte e arqueologia. Era um rosto belo, ceite, na expressão da dor.

No famoso livro «The Holy Shroud» («O Lençol Sagrado»), do reverendo Edward A. Wuenschel, está escrito: «Sob um ponto-de-vista puramente estético, a face, na superfície do linho, é tão divinamente diferente das concepções pintadas de Cristo que o veridictum geral dos críticos é que ela supera e muito, a todas. Supera o Cristo de Leonardo, Rafael, Miguel Angelo, Giotto, Masaccio, Perugino, Ticiano, Corregio, Sarto, Rembrandt, Velasquez, El Grego e Fra Angelico!»

O SEMBLANTE NOBRE E BELO

Com a primeira fotografia divulgada, os olhos humanos puderam contemplar, tomados de surpreendente comoção, o semblante do Filho de Deus; da conjura do silêncio e do mistério de mais de dezenove séculos, aflorava o rosto do Homem-Deus com as marcas do Seu sacrifício e a expressão em que o moldou a morte.

A espantosa revelação acordou a ciência. Pressões foram feitas para

que o lençol mortuário fosse exigido aos peregrinos. Mas na Capela Real da Catedral de Turim a relíquia está zelosamente guardada, como a prova da passagem do Cristo na Terra. Teme-se que a luz desfaja os contornos da figura e que o próprio ar os empalideça.

Delage, que presidiu longas pesquisas do sindonologistas e levou o exame científico do acontecimento à Sorbonne, apurou que nas duas figuras (a de frente e a de costas) estavam as impressões de um morto produzidas pela ação conjugada de fatores naturais em condições ideais e de um: toque inexplicável, e que esse morto só poderia ser Cristo. Nelas estão as marcas das chapas que o mundo reconhece como as d'Ele; do sepultamento incomum, sem terem levado o corpo. Verifica-se também os mesmos limites de tempo dentro dos quais as impressões foram feitas — nem menos do que 24 horas e não mais do que alguns dias, pois de outro modo a corrupção destruiria o pano.

E concluiu que Cristo deixara a sua fotografia à humanidade com a dolorida expressão do seu semblante belo e nobre; mais belo e mais nobre do que o semblante imaginado pelos maiores pintores. Não fora feita pela mão dos homens. Tivera a marca de Deus.

AUTENTICO

Peregrinos de todos os países, de novo, afluíram a Turim, em 1931, quando, festejando o casamento do príncipe herdeiro da Itália, Umberto com a princesa Maria José, da Bélgica, o Sudário, mais uma vez, foi mostrado. Dois anos depois, em 1933, o pano funebre foi pela última vez apresentado quase que exclusivamente ao mundo científico e o sindonologista Pierre Barbet transmitiu que diante dele, experimentara uma das profundas emoções da sua vida.

Em 1950, o I Congresso Internacional de Estudos Sindonologistas definitivamente consagrava a autenticidade do linho que envolveu o corpo sem vestes do Filho de Deus e no qual ficaram, em marcas nitidas e impressionantes, o sangue que brotou do corpo em vida, na agonia, e do corpo já na morte, do Salvador. Este sangue rubro e intenso, misturado aos suores e aos aromas de aloés e mirra, numa alquimia natural, a que não faltou a intervenção sobrenatural (os mais céticos dizem «que não seria milagre, mas quem negaria, nisso, a mão de Deus?») foi a tinta na qual se escreveu o Drama da Paixão e que em reterea segredos da Ressurreição.

A Sagrada Face é a imagem de Cristo que Ele mesmo escolheu para deixar aos hoens. É esta imagem, vinda do sepulcro, ao pé do Morro do Calvário, que chega ao século XX com a sua mensagem de fé e salvação. São Paulo terá privilégio de contemplá-la na primeira reprodução no mundo do Santo Sudário, a partir de 28 do corrente, no Convento do Bom Pastor, no Ipiranga. Nesse dia, às 8 horas, Dom Agnelo Rossi descerrará a venerável relíquia que foi trazida ao Brasil por frei Anastácio Hachmann, sob o patrocínio da Arquidiocese e dos «Diários e Emissoras Associadas». Estará de palpebras descidas mas estando em glória (dizem os homens de fé) o Seu olhar envolverá a cada um de nós. Não há obstáculo para o Homem-Deus.

Texto de

Margarida Izar



Este, é o costureiro Yves St Laurent. Depois do desfile 1970, recebe felicitações das clientes Elza Martinelli e Catherine Deneuve

O banho

- Se você tem a pele seca evite a água muito fria. Procure tomar banho com água morna, que embelezará sua cutis e ao mesmo tempo ajudará a descansar e relaxar os músculos acalmando os nervos.
- Se você estiver tresnoitada e com sono, conseguirá novas forças e outra disposição se juntar ao banho de imersão uma boa porção de camomila, na proporção de 200 g para um litro de água. Faça uma infusão das folhas e junte-se à água do banho, que deverá ser ligeiramente morna.
- Para muitas mulheres os banhos de água fria provocam um ressecamento na pele do corpo.

Nesses casos aconselhamos leves massagens com algumas gotas de óleo especial para crianças. Isso ajudará muito a pele, tornando-a macia e aveiada.

• Para aquelas que apresentarem cravos e espinhas nas costas e braços, indicamos a massagem com escovas especiais como a medida ideal para a eliminação dessas impurezas da pele. A massagem com a escova deve ser executada com cuidado mas com energia, de maneira que as cerdas penetrem nos poros livrando-os dos cravos. Depois do banho é aconselhável a aplicação no local de uma loção adstringente suave.

O banho ideal

A ducha e o banho de imersão são tipos de banho diferentes, necessários em diversas ocasiões. A ducha é o tipo de banho revigorante, estimulante, que deve ser tomado rapidamente principalmente na parte da manhã ou depois da ginástica ou exercícios violentos. O banho de imersão, por outro lado, tem propriedades tranquilizantes devendo ser longo e tomado à noite, antes do sono. Serve para relaxar os nervos, acalmando as tensões

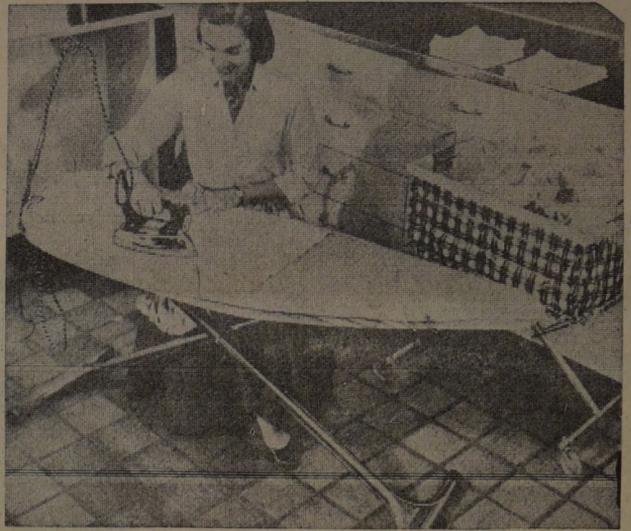
nervosas e o mau-humor. Quando se está muito fatigada deve-se tomar um banho de imersão quente, colocando-se na água uma ou duas colheres de amoníaco. Agora, no tempo das festas, com as longas caminhadas para as compras e preparativos do Natal, nada mais apropriado que falar em duchas e banhos, que muito ajudarão nossas leitoras a vencer o cansaço e o calor dos dias quentes de verão.

(Suzanne MAUGE)



MOCIDADE - MATURIDADE

Por outro lado .. qualquer idade pode dar motivos de descontentamento



MANEIRAS PRÁTICAS DE PASSAR A FERRO

Por Emily Taylor

Coisa que nunca me atraiu foi passar horas a fio debruçada sobre a tábua de engomar. Por isso mesmo sempre me interessei por qualquer processo novo destinado a facilitar essa tarefa. É verdade que, nesse sentido, um grande passo já foi dado com o aparecimento de novas fibras e tecidos que requerem pouco emprego do ferro ou que são, mesmo, impassíveis. As modernas tábuas de passar — de altura ajustável, fáceis de armar e de dobrar (algumas, até, com um sistema de rodas), bem acolchoadas — fazem-me pensar por que ainda existem mulheres que usam aquelas tábuas antiquadas e incômodas. Atualmente, mesmo entre as ajustáveis, há um modelo inteiramente novo, com a parte superior mais larga que a média (45 centímetros) e que oferece maior conforto para o movimento do braço, facilitando bastante a passagem de toalhas de mesa, guardanapos, fronhas, lençóis etc. Mas nada é mais importante que o próprio ferro de engomar e acho que todas as donas de casa de-

veriam possuir um ferro a vapor, que umedece e seca ao mesmo tempo. Embora haja à venda a vapor da melhor qualidade, sou uma entusiasta desse tipo de ferro que borrija água-morna sempre que necessário.

Para umedecer as peças menores, nada melhor que o meu pequeno borrifador plástico.

Com toda a certeza vocês já repararam no carrinho com alegre tecido escocês que há, na foto, ao lado da tábua de passar. De altura ajustável, ele me é de grande utilidade. Ajustando-o numa das três alturas de que dispõe, ajuda-me muito, permitindo que eu tenha a roupa sempre à mão.

Para diminuir o trabalho na hora de passar as roupas, procure sempre nunca deixá-las secar demais. É sempre de bom aviso que estejam ligeiramente umidas ao pegarmos no ferro. Algumas peças podem ser esticadas com as mãos, dobradas e guardadas sem que haja necessidade do uso do ferro.

A IDADE MADURA

EMILIO SERVADIO

Se para o homem a idade madura representa uma equação de muitas incógnitas, pode-se dizer o mesmo, com maior razão, no que se refere à mulher, na qual alguns motivos naturais e biológicos se fazem sentir mais diretamente. A «crise da maturidade» apresenta a muitos homens uma série de problemas de ordem prática. Na mulher, tal crise envolve, muitas vezes, toda a personalidade. Os mesmos temas de base que dominaram a psique feminina — o amor, a aparência física, a maternidade — são postos à prova. As transformações do organismo vêm profundamente advertidas e se refletem sobre toda a orientação psíquica e espiritual.

A crise da idade madura assemelha-se, na mulher, por muitos motivos, à da puberdade. Também nesta, as transformações da feminilidade orgânica refletem-se no caráter: no amor, no comportamento em geral. Um médico não psicólogo, Wiesel, notou a propósito vários e importantes paralelos, sejam de origem fisiológica normal, sejam e mais especificamente, referentes a toda uma série de possíveis, análogos distúrbios a cargo do aparelho gastro-intestinal, da epiderme, do sistema pilífero. Do ponto de vista psicológico, as analogias são ainda mais relevantes. Como a mocinha na puberdade, também a mulher madura pode apresentar repentinas mudanças de humor, alterações de alegria e de depressão, veleidades improvisadas de atividades em campos antes descuidados ou ignorados. Uma célebre psicanalista americana, Elena Deustsch, descreve casos nos quais a crise da maturidade deu lugar à infelicidade no casamento — até então considerado satisfatório; ou a desejos de novas amizades, femininas ou masculinas; ou a tentativa de «evasão» com soluções pseudo-filosóficas ou pseudo-místicas; ou a procura de satisfações no campo das atividades sociais ou beneficentes; e assim por diante. Tudo isto pode acontecer dentro de limites bastante reduzidos: isto é, sem que haja prejuízo do equilíbrio fundamental da mulher e do seu ambiente; ou que determine comportamentos distintamente anormais, que necessitam intervenções externas, na maioria de sentido médico-psicológico.

O modo pelo qual uma mulher atravessa a fase da idade madura es-

tá diretamente relacionado com as soluções mais ou menos satisfatórias que ela tenha dado, anteriormente, aos problemas essenciais de sua feminilidade. No período de crise aqui descrito, todos os problemas vêm à tona. Excessivos interesses num sentido ou no outro provocam, também, grandes desilusões quando a própria vida dita as necessárias renúncias. A mulher narcisista, preocupada, sobretudo, com a sua pessoa, mal suporta as primeiras revelações do espelho — este silencioso e incorruptível testemunho do tempo que passa. A mulher que procurou, mais ou menos inconscientemente assumir atitudes do tipo masculino sente, mais que as outras, o profundo, obscuro protesto de sua feminilidade descuidada. A mulher para a qual o amor foi a única razão de viver e que não soube transformá-lo ou sacrificá-lo suficientemente, poderá achar sem sentido uma idade em que o «amor» não tem e não pode ter a aparência dos vinte anos. Ela continua, às vezes, enganando-se a si própria e ao tempo, não à realidade.

Durante um baile, alguém perguntou à princesa Metternich com que idade uma mulher cessaria de amar. «Pergunte a outra mulher qualquer» — respondeu a ainda graciosa senhora. — «Eu tenho só sessenta anos».

Não se pode negar que uma mulher de sessenta anos possa sentir-se ainda jovem! Todos conhecem o caso de Ninon de Lenclos que, aos sessenta e cinco anos, segundo se diz, despertou uma paixão arrebatadora num homem com menos de trinta. Mas é bom saber que estes casos, se existem, são raras exceções e que, em geral, a mulher madura que explícita ou implicitamente se proclama jovem, engana os outros e a si mesma. Aqui não se trata de ser ou não jovem: trata-se de aceitar as peculiaridades da idade que opera uma gradual mudança de interesses e de desejos, que podem tornar cada idade substancialmente aceitável. Por outro lado, «qualquer idade» pode dar motivos de descontentamento: não está menos insatisfeita a jovem que gostaria muito de antecipar, suponhamos, as experiências das condições de esposa, ao que se refere à mulher madura que interiormente não aceita a progressiva autonomia dos filhos, que começam a olhar além dos limites do círculo familiar.